



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## O DISCURSO DA CATEQUIZAÇÃO DO CORPO NOS “CATECISMOS” DE CARLOS ZÉFIRO

Lucilene Oliveira do Rosário\*  
(UESB)

Nilton Milanez\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Pretendemos analisar as capas das histórias em quadrinhos do escritor e desenhista pornográfico brasileiro Carlos Zéfiro. As imagens presentes nas capas permitem questionar quais discursos se constituem e quais sentidos as regularidades entre elas possibilitam. O método arqueológico permitirá compreender como se dá a análise desses enunciados, pois possibilita entender o porquê este enunciado e quem está autorizado a proferir tal discurso, relativo à ideia de sexo enquanto fonte de prazer. Objetivamos entender quais discursos permeiam as histórias; como se constituiu um saber a respeito dos corpos em questão e quais as regularidades que estas suscitam. Com isso, é essencial fazer uma análise discursiva das formas do corpo, esquadrinhando-o a partir do sexo, com vistas a identificá-lo nas capas em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia. Corpo. Discurso.

### INTRODUÇÃO

Nos anos 1950 e 1960, do século XX, ainda não havia recursos tecnológicos que favorecessem aos sujeitos satisfazer seus desejos sexuais tais como

---

\* Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e graduanda em Jornalismo pela mesma instituição de ensino. Integrante do Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo (Grudiocorpo) e participante do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (Labedisco). E-mail: lu.rosario@yahoo.com.br.

\*\* Pós-doutor em Discurso, corpo e cinema na Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista de Araraquara. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, líder do Grudiocorpo/CNPq e coordenador do Labedisco. E-mail: Nilton.milanez@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

encontramos hoje pela *internet* e por tantos outros meios de comunicação. No entanto, havia outras formas de incitação do desejo, ainda que houvesse uma ideia de interdição do mesmo, pois o Brasil, nesta época, passava por um período de repressão, cuja censura era rigorosa. Nesse cenário, eis que emerge Carlos Zéfiro com histórias em quadrinhos de cunho pornográfico. Ele se tornou o responsável pela iniciação sexual da maioria dos jovens da época e, com isso, foi nomeado o mestre da sacanagem no Brasil (BARROS, 1983). Seus livretos eram vendidos em bancas de revistas, junto a artigos religiosos para dificultar os censores de encontrá-los. Devido a isso, tais historinhas passaram a se chamar “catecismos”.

O termo “catecismo” remete aos materiais usados em instituições religiosas com o intuito de instruir os sujeitos quanto aos princípios e códigos morais pregados, cujo estudo deveria ser realizado com o acompanhamento de um ministro autorizado a fim de prepará-los para o ato da confissão e à primeira comunhão. Mediante a isso, podemos propor uma relação entre as historinhas em quadrinhos e os catecismos, posto que ambos visam a uma pedagogia com o intuito de obter tanto a confissão quanto o ingresso em um ritual que o demarque. A confissão é considerada, na sociedade ocidental, uma das técnicas mais valorizadas para a produção de verdade, pela qual a sexualidade foi colocada em evidência e compreendida como uma forma de vincular a salvação ao domínio de seus movimentos mais obscuros (FOUCAULT, 2009b).

Os catecismos, de Carlos Zéfiro, podem ser compreendidos como a materialização de um novo investimento, obtido por uma tentativa do poder contra a revolta do corpo sexual. Desse modo, as historinhas constituem-se como contra-efeito de uma ofensiva do poder em controlar o corpo, que sustenta tipos de saber e é sustentado por eles.

Na década de 60, o Brasil sofria a influência de uma série de acontecimentos que ocorriam pelo mundo, entre eles o mais relevante foi o Maio de 68, na França, em que os estudantes manifestaram-se contra as estruturas tradicionais do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

autoritarismo e no qual o corpo foi uma das peças mais importantes de manifestação. “Com a mudança, vem o grito ‘*Our bodies belong to us!*’ tanto das mulheres protestando contra as leis anti-aborto na França, quanto dos ativistas dos Gay Rights” (MILANEZ, 2007, p.168). Esse contexto político de liberação, expressão das individualidades e afirmação da sexualidade, possibilitou a emergência de um discurso que se funda na exposição de corpos físicos, de posicionamentos discursivos e atos sexuais.

As historinhas funcionavam, então, como um recurso que aproximava o sujeito do cotidiano às práticas sexuais e eram tidas, também, como uma exploração econômica da erotização do corpo. Para este estudo, foram selecionadas doze capas que se encontram digitalizadas no site [www.carloszefiro.com](http://www.carloszefiro.com). Por meio delas é possível compreender como se constituem as políticas do corpo, referentes aos mecanismos utilizados pelo poder para controlar e ajustar os corpos no seio da sociedade, cujos agentes de ligação proporcionam uma disciplinarização e, conseqüentemente, uma cultura do corpo (SÁ, 2003).

O método arqueológico nos permitirá entender como se dá a análise desta série enunciativa, concernentes às materialidades verbais e não-verbais, pois nos possibilita entender o porquê este enunciado e não outro em seu lugar, bem como quem está autorizado a proferir tal discurso, relativo à ideia de sexo enquanto fonte de prazer (FOUCAULT, 2009a). É a partir disso que consistirá o encadeamento dos enunciados que se proliferam, bem como suas relações. Dessa forma, objetivamos entender quais discursos permeiam as histórias em quadrinhos; como, através de uma construção sócio-histórico-discursiva, se constituiu um saber a respeito dos corpos em questão e quais as regularidades que estas suscitam.

Nas historinhas em quadrinhos, o corpo a ser estudado não é aquele composto por formas, carnes e gestos, assim como primeiramente visualizamos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nas imagens. Tais focalizações são, conforme Foucault (2009) e reafirmado nos estudos de Milanez (2009), apenas representações da existência material desse objeto, o corpo, considerado como uma unidade discursiva. Além do mais, Fernandes (2008) reitera que todo discurso resulta de um já-dito que é sempre um jamais-dito, pois (re)aparece como continuidade de acontecimentos e discursos que se perderam no tempo. Sendo assim, o corpo pode ser considerado prática discursiva, definida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009a, p.133).

Ao observar o corpo nas capas dos “catecismos”, sob o conceito foucaultiano de enunciado, buscamos compreender as razões da sua existência, ou seja, as condições que possibilitaram a emergência de determinado discurso para, depois, colocá-lo em uma rede de formulações, cujo método arqueológico nos levará à constituição de saberes. Nesse sentido, nos perguntamos quais os discursos que se formam e como se constituiu o saber a respeito dos corpos postos em análise.

Inicialmente, temos um conjunto de doze capas das historinhas, isto é, uma série enunciativa que obedece as mesmas regras de funcionamento. Em outras palavras, é possível dizer que nosso *corpus* opera diante de um conjunto de normatizações que permitem apresentarem-se como pertencentes ao meio pornográfico. Desse modo, a análise a ser realizada e descrita encontra-se no interior de práticas discursivas pornográficas, elemento que indica tanto o comportamento quanto o conhecimento que foi produzido historicamente sobre o corpo sexual, e possibilita compreender o meio pornográfico e suas relações com o corpo no ventre da nossa sociedade.

Vemos, na sequência de imagens, que persiste uma repetição no que concerne à nudez e ao rosto. Há, assim, uma regularidade que, por meio da insistência, produz conhecimento sobre o corpo e seu imbricamento no discurso,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fazendo emergir um enunciado em detrimento de outro. Esse conhecimento se dá pela proposta do desenhista quanto à postura dos sujeitos que desenha, assim como a forma em que o rosto é desvelado e de como partes do corpo são exaltadas. O corpo, portanto, é a ferramenta que nos permite criar discursos que externalizam nossos desejos mais recônditos.

Ao falar sobre as políticas do corpo, Foucault (1998) as compreende como um conjunto complexo e sutil que, em certos períodos, possuem agentes de ligação. Com isso, podemos entendê-las como concernentes aos mecanismos utilizados pelo poder para controlar e ajustar os corpos na sociedade. Dessa forma, teríamos, no século XXI, as academias e clínicas de estética como agentes de ligação, proporcionando uma disciplinarização do corpo. Segundo Courtine (1993), a exposição dos corpos permite às mulheres uma ascensão social e profissional.

O corpo, qualquer que seja seu sexo, vai, desde então, desempenhar um papel essencial no imaginário americano de promoção individual. A beleza é um capital, a força, um investimento; todos dois são mercadorias cujo valor de troca vai crescer ao longo do século. (COURTINE, 1993, p.98)

Nesse sentido, há uma valorização do corpo e uma idealização deste, transposta nas imagens a serem analisadas neste estudo. O exercício esportivo torna-se um dever, tal como a religião o é, a aparência passa a ser o resultado de uma prática narcisística e o invólucro corporal é o resultado de toda esta atenção que lhe é direcionada. A medicina estética, vista como uma instituição detentora de um saber que privilegia o bem estar, ajuda a compor o *projeto estético da aparência* (SÁ, 2003, p.84). Para esta autora, “a ginástica que se difunde com esses preceitos, com suas fortes raízes militaristas, reforça a idéia de um corpo constituído de peças que funcionem de forma bastante eficaz” (SÁ, 2003, p.81). Portanto, o que temos nas imagens é um corpo que se modela devido aos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

controles que lhes são impostos e um leitor que capta esse discurso sobre o corpo e o reproduz em suas vontades por meio de seus saberes já construídos.

O discurso que se descortina por trás deste estudo leva-nos, primeiramente, a pensar nas políticas do corpo. Com isso, entendemos o período de circulação dos “catecismos” como um momento propício para difusão de material pornográfico, visto que havia uma censura por parte do Estado. Além do mais, todo poder, ao ser investido, promove uma contra-ofensiva. Então, enquanto o Estado tentava obter um controle sobre a população, esta, por meio de atividades culturais e corpóreas, agiam no sentido contrário.

É porque se afirma essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, o que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre nós de vincular: revolução e felicidade; ou, então, revolução e um outro corpo, mais novo, mais belo; ou, ainda, revolução e prazer. Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão. (FOUCAULT, 2009b, p.13)

Dessa forma, emergia uma maneira de ver o corpo, na qual os desejos sexuais mostravam-se latentes frente ao novo discurso voltado para a sexualidade e seus prazeres, trazidos por meio de desenhos e histórias pelo, então, anônimo Carlos Zéfiro. As histórias apresentavam-se para um público majoritariamente masculino, pois em sua maioria exibiam, nas capas, contornos corporais femininos, que ostentavam beleza e nudez, e título com nomes de mulheres e sugestivos sexualmente, quando vinculados às imagens. Isso não significa que, também, não possibilitavam uma identificação de algumas mulheres com tais historinhas.

Além de considerarmos o período de circulação das histórias, precisamos levar em conta o meio social em que elas circulavam. A sociedade ocidental, bem como salientou Foucault (2009b), desenvolveu uma ciência da sexualidade na qual



ISSN: 2175-5493

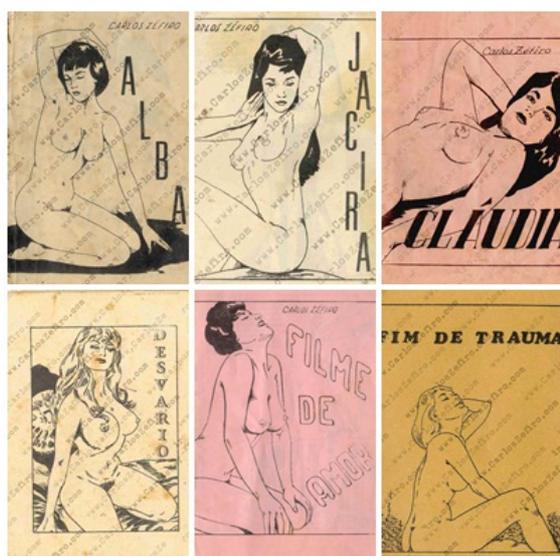
X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

o sexo torna-se o centro das atenções e quanto mais tentam escondê-lo, mas aguçam a curiosidade e a libido. Este fato se intensifica ainda mais no Brasil e isso é perceptível por meio do processo histórico que vem desde o achamento de suas terras. O Brasil, desde o século XVI, apresentou-se com um lugar de sensualidade e despertar de desejos. Milanez (2010, p.04) nos diz que o Brasil é tido como um “modelo de beleza identificado como natureza, dando brechas para a localização de um lugar onde tudo seria permitido, o paraíso dos prazeres, onde as regras sociais, limites e castrações estariam suspensas”. Dessa forma, a emergência dessas historinhas justificam-se mais intensamente. Os “catecismos” eram desenhadas em papel vegetal e publicados por pequenas editoras. Apresentavam-se como livretos em tamanho de uma quarto de ofício e variavam entre vinte e quatro e trinta e duas páginas, além de serem mal impressas e de baixo custo. Assim, o acesso era mais fácil por aqueles que sobreviviam com baixa renda.

É nesse ínterim que surge o questionamento sobre “Quem no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular?” (FOUCAULT, 2009a, p.57). Com isso, relacionamos o título com as imagens para compreender melhor tal imbricamento e, assim, lançamos a pergunta “Para quem fala?” para, então, finalizarmos esse diálogo.

A partir das abordagens sobre o corpo, enquanto prática discursiva, das políticas do corpo e do contexto histórico em que as historinhas circularam, torna-se importante analisar os encandeamentos presentes nas capas segundo o método arqueológico. Vejamos, então, um mosaico de seis capas selecionadas pelas suas regularidades.



Nestas seis imagens (acima), percebemos um destaque para as formas do rosto, que denotam prazer e saliência, bem como um posicionamento do corpo que indica rigidez e disciplina, ainda que este corpo esteja nu e insinue o desejo pelo ato sexual. Essa retidão do corpo remete-nos à ginástica, que possui fortes

raízes militaristas e “se estendem à educação das retitudes, marcadamente por uma preocupação com o endireitamento do corpo, sobrepondo características militares ao uso dos nossos comportamentos posturais” (MILANEZ, 2006, p.163). De acordo com SÁ (2003), a ginástica canalizava as energias sexuais. Entretanto, o que temos é uma convergência nesse sentido: manter o corpo ereto para apropriar-se melhor da liberdade sexual. É dessa forma que funciona o poder sobre o sexo, a cada investida advêm uma contra-ofensiva e acontecem produções de saber.

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como

se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. (FOUCAULT, 1998, p.84).

Há, portanto, a constituição de um saber a respeito desses corpos como corpos disciplinados. Ao basear-se em Foucault, Milanez (2006, p.164) nos diz que o poder pedagógico e militar “tornam o corpo do indivíduo visível e domesticável”. Dessa forma, as técnicas disciplinares estão nas instituições pedagógicas e, portanto, podem também ser encontradas no meio pornográfico, visto que este também visa a uma pedagogia, “adequando-os ao nosso corpo, modo e atitude de vida: erotismos entre domesticações e singularidades” (MILANEZ, 2006, p.164).

Ao partir da metodologia arqueológica de Foucault (2009a), podemos encontrar, nessas imagens, detalhes e expressões faciais, cuja linguagem pode ser entendida como obscena, que conforme Maingueneau (2010) é uma maneira universal de se referir à sexualidade. No entanto, com o intuito de completar o mosaico antes apresentado, atentemo-nos às imagens seguintes.



Para essa análise, é necessário observar cada item detalhadamente, bem como seus encadeamentos. Sendo assim, há uma ordem do olhar que nos lança para a capa. Nosso olhar vai imediatamente aos seios. Estes ficam mais direcionados e centralizados em relação aos outros elementos que constituem a capa, pois apresentam formas arredondadas e estão livres de qualquer indumentária que os cubram.

Esse lugar, primeiramente apontado pelo nosso olhar, destaca seios volumosos e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

levantados que identificam disposição para a relação sexual. Essa característica é importante quando se parte para outros aspectos que compõem o corpo na imagem e o coloca no meio pornográfico, lugar em que este precisa ser o mais vigoroso possível para fins de desejos e saciedades da libido.

A partir disso e seguindo o mesmo percurso de leitura de Milanez (2010), pode-se percorrer o olhar em outras direções. Entretanto, nesse percorrer dos olhos, atentamo-nos ao rosto que, conforme Milanez (2010, p.07), é “um dos lugares cristalizados de identificação em nossa sociedade”. Nesse ponto, vemos um rosto e uma cabeça curvada para trás. Apreendemos, assim, a retidão e a disciplinaridade do corpo, no qual

Denota-se, então, a metáfora do corpo como motor humano a partir de 1860, por meio de estudos que concebiam os movimentos corporais pela determinação rigorosa da intensidade e da duração de certos atos por um período determinado de tempo. Nesse contexto, evidencia-se a transformação da energia como fato central da vida fisiológica, dando lugar à ciência em termos arqueológicos e linguísticos quanto à medida no conhecimento das séries de posições que o corpo ocupa no espaço e no tempo.” (MILANEZ, 2006, p.164)

Dessa maneira, ao ocupar a posição de sujeito pornográfico, o corpo precisa estar visível o suficiente para que suas partes mais íntimas sejam observadas e para que a sujeição ocorra. No rosto, ainda é possível notar o olhar fixo e a boca semiaberta, indícios de quem está em busca de prazer. Além disso, vemos as pernas posicionadas de modo a permitir a visibilidade da vulva, órgão genital feminino de essencial importância no meio sexual. Nos casos em que não aparece, há o pressuposto da sua nudez.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## CONCLUSOES

Ao sustentarmos o questionamento foucaultiano, percebemos que a relação entre o enunciado verbal e não verbal leva-nos à exposição do corpo sexual feminino de forma a transgredir as leis morais da sociedade ocidental, pois há a mesma exposição e focalização sobre corpo e rosto, além da mesma disciplina corpórea. O *status* ocupado por esse sujeito apreende, assim, critérios de saber sobre o corpo sexual como um corpo domesticável e que possui o direito de reivindicar para si o poder de incitar o desejo pelo sexo. Os discursos que permeiam os “catecismos”, então, são pedagógicos no sentido de ilustrar a adequação do corpo no meio pornográfico, posto que há uma regularidade na forma dos seios, no posicionamento de pernas e cabeça no intuito de atrair, atijar e pedagogizar o outro.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Otacílio D'Assunção. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**: uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro. Série Nostalgia: Editora Record, 1983.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: Reflexões Introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009b.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago. Memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. **Estudos do Texto e do Discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p.153-179.

\_\_\_\_\_. Toda vez que minto constroem verdades: sobre corpos e poderes. Revista Linguagem--Estudos e Pesquisas, v. 10-11, 2007, p. 167-180.

\_\_\_\_\_. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 31, 2009, p. 215-222.

\_\_\_\_\_. O nó discursivo entre corpo e imagem: que identidade para o brasileiro é essa? In: MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emília; LIMA, Helcira. **Revista de Estudos Semiodiscursivos. Imagem e Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 (no prelo).

SÁ, Raquel Stela de. **Do corpo disciplinar ao corpo vibrátil**: Uma abordagem libertária contemporânea. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003, p.77-112.

ZÉFIRO, Carlos. Disponível em <http://carloszefiro.com>. Acesso em 20 de Novembro de 2011.